

Trata-se de um estudo que se reveste de enorme importância no panorama nacional e que, graças à divulgação científica facultada pelos *Classica Digitalia*, pode ser consultado em: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1193-8>.

**José Luis CALVO MARTÍNEZ (2016).** *Griego para universitarios. Fonética y fonología, morfología y sintaxis del griego antiguo*. Granada, Editorial Universidad de Granada, 500 pp. [ISBN: 978-84-338-5976-1].

CARLOS DE MIGUEL MORA<sup>2</sup> (*Universidade de Aveiro — Portugal*)

Não sabemos se o Prof. Calvo Martínez demorou a encontrar o título para esta obra, mas é claro, em qualquer caso, que o escolhido responde perfeitamente às características do trabalho: grego para universitários, pois não se trata de um manual de grego nem (tão só) de uma gramática, mas é muito mais do que isto. Trata-se de uma obra útil para o helenista, seja linguista ou simples leitor de grego antigo, e imprescindível para o estudante universitário que pretenda aprender a língua de Homero, Aristóteles e Eurípides.

Com um sólido conhecimento da gramática descritiva tradicional e de todos os contributos dos estudos históricos de grego antigo, incluindo os que têm a ver com o indo-europeu e com o arcaico dialeto micénico, mas desde modernos pressupostos estruturalistas, o autor descreve em pormenor —acompanhando sempre as descrições com uma séria reflexão— todas as características fonéticas, fonológicas, morfológicas e sintáticas do grego, centrando-se nos aspetos normativos, mas sem descurar a explicação de qualquer desvio da norma.

A clareza da exposição tem muito a ver com a coerente estrutura do volume. Cada uma das três partes do livro é dedicada a um dos níveis linguísticos mais importantes e tradicionalmente tratados: a fonética e fonologia, a morfologia e a sintaxe; cada uma delas, além disso, é principada por um capítulo introdutório de carácter teórico onde se estabelecem alguns marcos de referência para a melhor compreensão daquilo que vai ser exposto. Cada parte, dividida, segundo os casos, em secções, capítulos e apartados, vai tratando todos os assuntos em rigorosa ordem e com absoluta exausti-

---

<sup>2</sup> cmm@ua.pt

vidade. Não se trata, porém, de um tratado taxonómico: cada apartado merece uma reflexão linguística que justifica os dados apresentados, sempre acompanhados por exemplos que esclarecem as explicações. Tomemos como modelo a secção da morfologia verbal. Esta é introduzida por um capítulo reflexivo sobre as categorias e funções do verbo, onde se explica o sistema de oposições e neutralizações dos temas gregos, baseados primariamente no valor aspetual e de forma secundária no temporal; e, a seguir, o sistema de oposições por vozes e modos. Após este capítulo mais teórico, segue um segundo que explica de forma pormenorizada as desinências e temas verbais, tanto no nível mais geral como nos casos particulares. Por último, os capítulos terceiro e quarto abordam, respetivamente, os paradigmas verbais e as particularidades da flexão verbal. Nestes dois capítulos é que podemos ver tabelas de conjugação e listas de verbos. Como vemos, a secção vai fluindo de forma natural desde os aspetos mais teóricos até ao nível mais concreto das listas de particularidades.

Afirma o editor na contracapa do livro que não se trata de um manual para linguistas. Devido a isto, o autor usa como ferramentas de análise a gramática tradicional, a gramática histórica e o estruturalismo, deixando de lado, ou servindo-se delas de forma muito limitada, outras tendências linguísticas como a gramática generativa, a funcionalista ou a categorial, e níveis de análise como a semântica, a análise do discurso ou a pragmática. É claro que tem os seus motivos pela natureza da própria obra, mas é provavelmente desnecessária a forma desdenhosa com que o autor fala das teorias linguísticas posteriores ao estruturalismo. De facto, outros modelos de análise poderiam contribuir de forma clara à compreensão do grego antigo, colmatando lacunas deste tipo de obras. Por exemplo, a introdução de conceitos como os modificadores do enunciado, diferenciando-os dos modificadores do sintagma verbal, teria contribuído à compreensão de certas particularidades de alguns sintagmas adverbiais, evitando-se a antiga terminologia pouco específica de “complementos circunstanciais”. Também teria ajudado a diferenciar construções condicionais de pseudo-condicionais (cf. exemplo de apódose em indicativo da p. 458).

Esse tipo de estudos poderia vir a complementar a presente obra. Mas esta, tal como está configurada, deve tornar-se imprescindível para o univer-

sitário, aluno o professor, pois realiza uma síntese reflexiva de toda a gramática do grego antigo desde uma postura do mais moderno estruturalismo. Sem se tratar de um compêndio, pois é muito mais do que isso, poderá vir a substituir muitos manuais de fonética, de morfologia e de sintaxe do grego utilizados até agora.

**RODERICK W. HOME, ISABEL M. MALAQUIAS & MANUEL F. THOMAZ (eds.),** *For the Love of Science. The Correspondence of J. H. de Magellan (1722–1790)*. Bern, Bruxelles, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Warszawa, Wien, Peter Lang, 2017, 2 vols., 2002 pp. [ISBN: 978-3-0343-1294-3 hb,].

ANTÓNIO ANDRADE<sup>3</sup> (*Universidade de Aveiro — Portugal*)

A recente publicação da monumental obra em epígrafe, resultado de dezenas de anos de aturada investigação e labor da parte dos seus três editores, representa um contributo da maior valia para o conhecimento de João Jacinto de Magalhães, uma figura ímpar da cultura portuguesa e europeia do século XVIII. De facto, encontra-se pela primeira vez reunida e disponível nestes dois grossos volumes a abundante correspondência que este aveirense ilustre trocou com inúmeros indivíduos, tanto portugueses como estrangeiros, desde amigos ou simples conhecidos até nobres ou diplomatas de vários países. Contam-se entre os seus inúmeros correspondentes algumas das figuras mais proeminentes da Europa das Luzes, nomeadamente no campo da História da Ciência e da Técnica. Na verdade, Jacinto de Magalhães trocava informações muito diversas, nomeadamente sobre os avanços em várias áreas do saber ou sobre instrumentação científica, tendo estabelecido uma rede de contactos alargada com alguns dos filósofos e cientistas mais destacados da época, entre os quais se contam, entre muitos outros, Antoine-Laurent Lavoisier, Johann Albrecht Euler, Alessandro Volta, Benjamin Franklin, Charles Messier, Jérôme Lalande, Thomas Hornsby, Johann III Bernoulli ou James Watt. Entre os correspondentes portugueses, sublinha-se a importância das inúmeras cartas trocadas entre João Jacinto de Magalhães e o seu grande amigo Ribeiro Sanches, fonte privilegiada para o conhecimento de múltiplos aspetos do Portugal de Setecentos, apesar de ambos terem vivido grande parte das suas vidas fora do país.

---

<sup>3</sup> aandrade@ua.pt